



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/10/2022 a 13/10/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/10/2022	13,67	404,90	70,08	8,80	6,83
10/10/2022	13,74	410,70	69,54	9,38	6,98
11/10/2022	13,76	410,10	68,98	9,01	6,93
12/10/2022	13,96	421,80	69,17	8,82	6,93
13/10/2022	13,95	418,50	70,01	8,92	6,97
Média	13,82	413,20	69,56	8,99	6,93

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	169,00	
RS – Londrina	163,00	
PR – Cascavel	162,00	
MT – C.N.Parecis	155,00	
MS – Maracaju	164,00	
GO - Rio Verde	159,00	
BA – L.E.Magalhães	159,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	89,00	CIF
Porto de Paranaguá	93,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	S/C	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	78,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	92,00	
PR – Londrina	92,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 11/10/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/10/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	83,70	169,56	91,28

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/10/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,22
Feijão (saco 60 Kg)	243,00
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,43
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,81**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,86

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, nesta segunda semana de outubro, melhoraram em Chicago, na esteira do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/10. Assim, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (13) em US\$ 13,95/bushel, contra US\$ 13,58 uma semana antes.

O relatório do USDA reduziu, mais uma vez, a produção final de soja nos EUA, colocando-a, agora, em 117,4 milhões de toneladas, contra 119,2 milhões em setembro. Ao mesmo tempo, foram mantidos em 5,4 milhões de toneladas os estoques finais estadunidenses para o ano 2022/23. Mesmo assim, o preço médio aos produtores de soja daquele país, para este novo ano comercial, foi reduzido para US\$ 14,00/bushel. Em termos mundiais, a produção global de soja foi aumentada para 391 milhões de toneladas, puxadas pelo Brasil, para o qual se projeta uma nova safra da oleaginosa em 152 milhões de toneladas. Já os estoques finais mundiais foram elevados para 100,5 milhões de toneladas. Enfim, a produção projetada da Argentina foi mantida em 51 milhões de toneladas, enquanto as importações da China subiram para 98 milhões, ganhando um milhão de toneladas sobre o relatório de setembro.

Já no que diz respeito à colheita de soja nos EUA, a mesma pulou para 44% da área no dia 09/10, superando os 41% esperados pelo mercado e a média histórica de 38% para esta data. Da área ainda a ser colhida 91% estão na fase de maturação, sendo que 57% das lavouras estão entre boas a excelentes, melhorando um ponto percentual em relação a semana anterior.

Dito isso, importante se faz frisar que há uma pequena melhora nas condições de navegação do rio Mississipi, nos EUA, via fluvial de escoamento principal da soja até os portos do Golfo do México. A falta de chuvas diminuiu muito o nível do rio. Na semana passada, segundo a imprensa local, havia perto de 150 embarcações e mais de 2 mil barcas em uma fila para flutuar por trechos daquele rio. A última vez que o rio Mississipi viu níveis de água tão baixos foi em 2012 sendo que a maior seca das últimas décadas ocorreu em 1988. Por enquanto, os volumes já embarcados de soja e milho pelos EUA, durante toda o ano comercial, são consideravelmente menores do que há um ano. No trigo, a diferença é de apenas 1% menos na comparação anual.

Neste sentido, na semana encerrada em 6 de outubro, os embarques norte-americanos de soja foram de 969.212 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo ano comercial, os EUA só embarcaram 2,76 milhões de toneladas da oleaginosa, 23% menos do que no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, enquanto a China retoma suas compras, após os feriados de início de outubro, na União Europeia as importações de soja, no ano 2022/23, iniciado em 1º de julho, atingiram 3,12 milhões de toneladas até 9 de outubro, sendo o Brasil o principal fornecedor, com 51,7% do total adquirido. Em igual momento da temporada passada, o volume importado estava em 3,38 milhões de toneladas, segundo os dados. As importações de farelo de soja, no mesmo período de 2022/23, totalizaram 4,21 milhões de toneladas, contra 4,61 milhões de toneladas no ano anterior, também com o Brasil sendo a principal origem do produto. Por sua vez, as importações de óleo de palma também diminuíram, ficando em 923.130 toneladas contra 1,67 milhão de toneladas em 2021/22. Enfim, as compras externas de óleo de girassol pela UE, em sua maioria

vindas da Ucrânia, foram de 448.677 toneladas, contra 390.193 toneladas um ano antes. (cf. Comissão Europeia)

E aqui no Brasil, os preços recuaram um pouco na média gaúcha e melhoraram nas principais praças locais, diante da melhoria nos prêmios portuários, enquanto o câmbio passou a operar entre R\$ 5,15 e R\$ 5,25 na semana. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 169,56/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilaram entre R\$ 155,00 e R\$ 164,00/saco.

Nesse contexto, a comercialização da safra passada chegava, até o dia 07/10, a 86,1% do total colhido, contra a média histórica de 91,3%. Para a nova safra 2022/23, as vendas antecipadas chegam a 18,8% do total esperado, contra 29,6% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Quanto ao plantio da nova safra, até o início da presente semana, o Brasil alcançou 11,2% da área esperada, ficando um pouco abaixo da média histórica que é de 11,9%. O plantio no Paraná chegava a 21% da área esperada, estando atrasado em 8 pontos percentuais pela média histórica, enquanto no Mato Grosso o mesmo alcançava 18,6% contra 10,9% na média. Já em Goiás o mesmo atingia a 8,5% contra 0,5% para esta data na média histórica. (cf. Pátria Agronegócios)

A expectativa geral é de que o Brasil semeie 42,9 milhões de hectares de soja os quais, em clima normal, poderão resultar em 151 a 152 milhões de toneladas.

Enquanto isso, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) atualizou as estatísticas do complexo soja no Brasil, até o mês de agosto de 2022. Nos oito primeiros meses do ano o país aumentou em 7,1% seu esmagamento de soja, atingindo a 49 milhões de toneladas, volume recorde. Houve também aumento de 4,9% nas compras líquidas pela indústria neste período, comparativamente ao mesmo período de 2021. Especificamente para agosto houve aumento de 13,1% no esmagamento de soja, em relação a agosto de 2021.

Dito isso, entre janeiro e setembro (nove meses) as exportações brasileiras de soja atingiram a 70,8 milhões de toneladas, com recuo de 8,8% sobre o mesmo período do ano passado. Por outro lado, em farelo as vendas externas aumentaram 24%, chegando a 16 milhões de toneladas no período. Em óleo de soja o Brasil exportou 65% a mais, atingindo a 1,9 milhão de toneladas, contra 1,2 milhão no mesmo período de 2021. Para o total de 2022, espera-se uma receita final de exportação, no conjunto do complexo soja brasileiro, ao redor de US\$ 58 bilhões. (cf. Abiove)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, em função do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/10, subiram, porém, com menor influência do relatório, em relação ao que se esperava. O fechamento da quinta-feira (13) ficou em US\$ 6,97/bushel, contra US\$ 6,75 uma semana antes.

O relatório, em princípio, seria altista para as cotações do cereal na medida em que indicou um novo corte da produção dos EUA, estabelecendo a mesma em 353 milhões

de toneladas, com redução de 1,2 milhão sobre setembro. Já os estoques finais estadunidenses, para o ano 2022/23, ficaram em 29,8 milhões de toneladas, contra 31 milhões em setembro. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de milho ficaria em US\$ 6,80/bushel neste novo ano comercial. Já a produção mundial do cereal foi reduzida para 1,169 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 301,2 milhões de toneladas, com recuo de 3,3 milhões em relação a setembro. As produções do Brasil e da Argentina foram mantidas em 126 e 55 milhões de toneladas respectivamente. E a exportação brasileira de milho continuou projetada em 47 milhões de toneladas.

Dito isso, até o dia 09/10 a colheita de milho nos EUA atingia a 31% da área semeada, contra 30% na média histórica, sendo que 87% das lavouras a colher estavam em fase de maturação. As condições das lavouras a colher estavam um pouco melhores, passando a 54% entre boas a excelentes.

Por outro lado, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 06/10, atingiram a 457.366 toneladas, ficando dentro do intervalo esperado pelo mercado, embora menores do que na semana anterior. No ano comercial atual os EUA embarcaram 2,83 milhões de toneladas, ou seja, 9% a menos do que no mesmo período do ano comercial anterior.

Já na Europa, a colheita de milho está em andamento, confirmando que a atual safra será a menor dos últimos 15 anos. A produção final esperada é de 55,5 milhões de toneladas, sendo o menor volume desde 2007. A Hungria é o país mais atingido, perdendo mais da metade de sua produção, na comparação com o ano anterior. Na França, a produção será a menor dos últimos 32 anos. Em tais condições, as importações totais de milho, pela União Europeia, neste novo ano comercial, deverão alcançar 21 milhões de toneladas, ou seja, a maior dos últimos quatro anos. O volume total naquele país deverá ficar entre 10 e 11 milhões de toneladas de milho, com um rendimento médio de 8.180 quilos/hectare. Esta seria a menor produtividade média desde 2005 em solo francês. Na Itália o recuo na produção do cereal será de 40%, enquanto na Alemanha alcançará 19%. A seca e o forte calor no verão europeu são as principais causas desta frustração.

Enquanto isso, no Brasil os preços se mantiveram relativamente estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 83,70/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco.

Especificamente no Mato Grosso, a comercialização da safra passada (2021/22) chegou a 78,5% do total colhido. As causas teriam sido: melhores preços observados no Estado no último mês; a necessidade de escoar a produção recorde; e a maior demanda do cereal para a exportação, no período, em decorrência da guerra na Ucrânia. Já as vendas da atual safra chegam a apenas 10,7% do recorde colhido. Os preços médios de setembro ficaram em R\$ 66,03/saco, com aumento de 3,5% sobre agosto. Enfim, em setembro o Mato Grosso exportou 2,77 milhões de toneladas do cereal, com aumento de 38,1% sobre o mês de setembro de 2021. Com isso, aquele Estado já exportou 10,4 milhões de toneladas entre julho e setembro do corrente ano, atual ano comercial. Os principais países compradores do milho mato-grossense foram: Irã, Espanha, Colômbia e Egito. (cf. Imea)

Por sua vez, no Paraná 75% da área para o milho de verão já teria sido semeada até o início da corrente semana, sendo que 65% estavam em fase de germinação e 35% em desenvolvimento vegetativo. O Estado paranaense vem convivendo com muita chuva nestas últimas semanas. (cf. Deral)

Enfim, o Brasil exportou, nos primeiros 5 dias úteis de outubro, um total de 1,89 milhão de toneladas de milho, ultrapassando em 5% o total exportado com o cereal em todo o mês de outubro de 2021. Assim, a média diária exportada é superior em 320,1% em relação àquela obtida em outubro de 2021. Espera-se uma importante pressão de exportação de milho entre dezembro e janeiro, pois a partir de fevereiro a soja ocupa a prioridade portuária nacional. O preço da tonelada exportada passou a US\$ 284,00, subindo 34,3% em relação ao praticado no ano anterior. (cf. Secex)

Enquanto isso, o Brasil importou 88.032 toneladas de milho nos 5 primeiros dias úteis de outubro, tendo recebido 17,5% do total importado em outubro do ano passado. A média diária acusa um recuo de 30% nestas importações atualmente. Já o preço da tonelada importada caiu 10,2%, passando a US\$ 214,00.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, chegaram a US\$ 9,38/bushel durante a semana, refletindo o recrudescimento da guerra entre Rússia e Ucrânia. No entanto, o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12, provocou um recuo nos valores, embora o mesmo tenha reduzido a safra mundial e a dos EUA. Mesmo assim, a cotação, para o primeiro mês, ficou mais elevada do que há uma semana. O fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 8,92/bushel, contra US\$ 8,79 uma semana antes.

O relatório do USDA trouxe uma correção para baixo na produção de trigo estadunidense, neste ano, com a mesma ficando, agora, em 44,9 milhões de toneladas, ou seja, quase 4 milhões de toneladas a menos do que o anunciado em setembro. Já os estoques finais dos EUA, para 2022/23, recuaram para 15,7 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de trigo, em 2022/23, ficaria em US\$ 9,20/bushel, ganhando 20 centavos em relação a setembro. Em termos mundiais, a produção global do cereal seria de 781,7 milhões de toneladas, com estoques finais em 267,5 milhões. A produção da Argentina ficaria em 17,5 milhões de toneladas e a do Brasil em 8,7 milhões. Mesmo assim, projeta-se uma importação brasileira de trigo em 6,4 milhões de toneladas neste novo ano comercial. Já a exportação de trigo, por parte da Argentina, foi reduzida para 12 milhões de toneladas.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, até o dia 09/10, atingia a 55% da área esperada, contra 58% na média histórica para o período. Deste total, 26% da área possuía trigo emergido, contra 32% na média histórica.

Por outro lado, na semana encerrada em 06/10, os EUA haviam embarcado 614.371 toneladas de trigo, ficando o volume dentro do esperado pelo mercado. No total do ano comercial atual, o volume exportado chegava a 9,13 milhões de toneladas, ou seja, 1% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

Ao mesmo tempo, as exportações de trigo macio (conhecido também como trigo mole) da União Europeia, na temporada 2022/23 iniciada em julho, totalizaram 9,81 milhões de toneladas até o dia 09/10, contra 10 milhões na mesma semana do ano anterior. A França continua sendo o principal exportador deste trigo, com 3,61 milhões de toneladas, seguida da Romênia, com 1,44 milhão de toneladas, Alemanha com 1,1 milhão, Polônia com 905.000 e Bulgária com 881.000 toneladas. A produção francesa deste tipo de trigo chegaria a 33,7 milhões de toneladas, com um recuo de 3,6% sobre a média histórica. (Comissão Europeia)

E no Brasil, os preços do trigo melhoraram um pouco, na esteira das altas em Chicago e do encarecimento nas importações devido ao câmbio. Além disso, problemas na safra paranaense, devido ao excesso de chuvas na colheita, vem preocupando o mercado nacional. Estas chuvas estão provocando queda na qualidade do cereal colhido. Neste sentido, é provável que os moinhos paranaenses, mais uma vez, venham se abastecer com o trigo gaúcho que, por enquanto, pouco vem sofrendo com problemas climáticos, apesar das últimas chuvas.

A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 91,28/saco, enquanto no Paraná os preços se mantiveram entre R\$ 92,00 e R\$ 95,00/saco.

Neste sentido, segundo a Conab, a colheita do trigo no Brasil chegava a 22,4% da área total até o dia 1º de outubro, ficando praticamente idêntica ao ocorrido na mesma época do ano passado.

Dito isso, no Paraná, conforme o Deral, a colheita chegava a 50% da área no início da presente semana, com uma área total de 1,18 milhão de hectares, ou seja, em recuo de 4% sobre o ano anterior. Cerca de 73% das lavouras a serem ainda colhidas estavam em boas condições naquele Estado. O volume total paranaense está projetado, agora, em 3,79 milhões de toneladas, ou seja, 18% acima da safra relativamente frustrada do ano passado. A produtividade média esperada é de 3.309 quilos/hectare, contra 2.632 quilos no ano anterior.

Já no Rio Grande do Sul, até o dia 06/10, cerca de 3% da área havia sido colhida, ficando a mesma dentro da média histórica para a data. Para uma área que aumentou 18,6% sobre o ano passado, atingindo a 1,46 milhão de hectares, espera-se uma produção total de 4,68 milhões de toneladas (32% acima da parcialmente frustrada safra passada) a partir de uma produtividade média revista para 3.210 quilos/hectare (53,5 sacos/hectare).

Em tal contexto, o Rio Grande do Sul irá ultrapassar o Paraná, se tornando momentaneamente o maior produtor de trigo do país. Por outro lado, a safra total brasileira será recorde, porém, menor do que os mais otimistas esperavam (chegavam a indicar 11 milhões de toneladas), devendo atingir a 9,5 milhões de toneladas, sendo que em algumas regiões haverá problemas de qualidade no produto.